

(2014) **ADRIEN BOSC, *CONSTELLATION***.

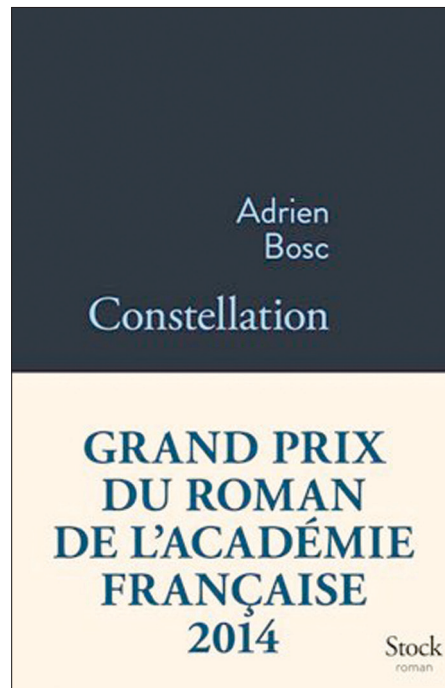
PARIS, ÉDITIONS STOCK.

Urbano Bettencourt – CIERL-UMa. Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais-  
Universidade da Madeira. Funchal.

No imaginário ainda remanescente quase setenta anos depois, o acidente do Constellation da Air France no maciço do Pico da Vara ainda está associado sobretudo aos nomes da violinista Ginette Neveu e do pugilista Marcel Cerdan. A aura mediática que envolvia as duas prestigiadas personalidades acabou por concentrar nelas o sentimento de perplexidade e luto perante a intensidade da tragédia ocorrida na zona nordeste de S. Miguel. Em certa medida, isso poderá ter ajudado a diluir ou a relegar para segundo plano a outra vertente da memória, a que se prende com os episódios menos dignificantes envolvendo a população local – e nos quais é também decifrar os sinais de um tempo de penúria individual e da falta de meios institucionais capazes de proteger os despojos e preservar a dignidade das vítimas.

Na imprensa francesa da época não faltou quem se insurgisse contra a polarização da comoção pública em torno de Neveu e Cerdan, esquecendo os restantes quarenta e seis ocupantes do avião (entre passageiros e tripulação). O recente romance de Adrien

Bosc, *Constellation*, vem corrigir esse desequilíbrio e reparar essa memória truncada, reconstituindo o perfil das restantes vítimas e recompondo-lhes um percurso. Afinal, elas também tinham uma biografia para lá dos códigos e das referências de um bilhete de avião. E descobre-se, através da leitura de *Constellation*, que também



a vida delas se regia por um sonho, diferente de caso para caso, mas suficientemente forte para lhes «comandar a vida».

O romance de Adrien Bosc chega ao leitor *recomendado* pelo Grande Prémio do Romance da Academia Francesa (2014) e tematiza precisamente o voo do avião da Air France, desde os preparativos para o embarque até ao momento em que a voz do piloto se fecha sobre a noite e o silêncio. Depois, haverá ainda o rescaldo de tudo isso: as buscas e a identificação possível das vítimas (nem todas, aliás), o repatriamento dos corpos e os rituais fúnebres, a entrega de cada um ao seu solo, mesmo que nem sempre isenta de equívocos.

Um romance que estabelece com o leitor um protocolo em termos de reconstituição de uma história empírica tenderá a prosseguir o relato em conformidade com a lógica dos factos e a sua *verdade*, dentro da moldura própria dos processos literários. Neste aspecto, em *Constellation* a narração da viagem faz-se num registo de quase referencialidade directa e de aproximação aos factos, num discurso despojado e seco. O investimento «romanesco» situa-se num outro domínio, na construção biográfica dos ocupantes do avião, a reconstituição dos percursos e decisões que os conduziram até ao fatídico voo, o levantamento das circunstâncias e dos

episódios individuais aparentemente aleatórios, mas que traziam em si a força imperceptível do destino. Colocar a narrativa biográfica a esta luz (que é já uma interpretação, uma leitura) significa admitir a presença de uma vontade que preside ao andamento do mundo e dos homens e significa também ultrapassar o simples relato para inscrever no seu interior uma reflexão sobre a vida e a morte, colocando a existência num plano situado para lá da órbita da razão e das leis humanas. Assim, a antecipação da viagem à última hora por parte de Cerdan, para poder estar mais algum tempo em Nova Iorque com Edith Piaf, obrigando a companhia aérea a «desalojar» o casal que regressava da lua de mel, insere-se nessa ordem de factores que *atestam* a existência de um desígnio superior e envolvem os amores de Cerdan e Piaf na aura própria dos amores proibidos e trágicos.

É por esse procedimento, extensivo a outras personagens, que *Constellation* escapa à dimensão cronística e se constitui uma fábula trágica moderna, com os seus signos tecnológicos e simbólicos. E também nesta, como na clássica, o castigo não conhece hierarquias, não distingue culpados e inocentes nem estatutos sociais: se «l'avion des strars» transportava efectivamente outras *estrelas* para lá de Neveu e Credan, ele acolhia igual-

mente gentes miúdas que rumavam a Nova Iorque à procura de um sonho com que a América lhes acenava: os cinco pastores bascos que um dia regressariam dos Estados Unidos com as suas economias, ou Amélie Ringler, que uma carta chamara à América para tornar-se a única herdeira de uma madrinha que fugira de França nos anos 30 e enriquecera em Detroit.

O romance de Adrien Bosc abre com uma epígrafe de Antonio Tabucchi, precisamente de *Mulher de Porto Pim*, livrinho cujo sucesso surpreendia o próprio autor e que se tornaria com o tempo uma espécie de guia para uma nova descoberta literária dos Açores (vejam-se os casos, entre si tão díspares, de Romana Petri e de Enrique Vila-Matas).

No caso de Adrien Bosc, a «viagem aos Açores» faz-se igualmente no rasto de Tabucchi, não apenas por essa epígrafe geral, mas também pelos tópicos ou motivos tabucchianos retomados por *Constellation*, como o Peter Bar ou as «alminhas», que no

romance francês se ajustam perfeitamente à nomeação do pequeno monumento que no Pico da Vara assinala o acidente de 1949 e pede um Pai Nosso e uma Avé Maria pela alma das vítimas. Por tudo isso e ainda pelo balanceamento entre ficção e facto, pela «inscrição autoral» no espaço exterior à ficção propriamente dita, com os elementos referenciais insulares trazidos ao texto como resultado de uma experiência própria, e também aqui (como em Tabucchi, aliás) não evitando algumas imprecisões factuais.

Estes são apenas alguns traços da forte dimensão literária de *Constellation*, suportada e aprofundada pelas epígrafes de cada capítulo e pelas citações internas ao discurso narrativo, como pequenos focos de luz projectados sobre cada vida, sobre a sua noite, e inscrevendo no texto autoral breves iluminações que aí vivem como memórias de leitura, sobreviventes de textos anteriores.

URBANO BETTENCOURT